

Sylvia G. GARCIA. *Destino Impar: sobre a formação de Florestan Fernandes.*

São Paulo, Ed. 34, 2002.192 páginas.

Diogo Valença

O livro de Sylvia Gemignani Garcia, *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*, vem somar-se a algumas das interpretações mais recentes sobre a trajetória intelectual e política de Florestan Fernandes e sua concepção de sociologia científica, produzidas a partir do início do decênio de 1990. Dentre os trabalhos dignos de menção e que trazem importantes avanços no aprofundamento da compreensão da produção e atividades desenvolvidas por Florestan, destacam-se as dissertações de mestrado de Carlos Aguedo Paiva, pela Universidade Estadual de Campinas, e de Eliane Veras Soares, pela Universidade de Brasília, depois publicada em livro, e a tese de doutoramento de Ernesto Renan de Freitas Pinto, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Há, ainda, a mencionar o trabalho de Avelar Cezar Imamura, dissertação de mestrado defendida junto ao departamento de história da USP, listado por Sylvia Garcia em sua bibliografia, e que completa uma lista de produções acadêmicas diretamente voltadas para a sistematização de parcelas ou do conjunto da obra sociológica e simultaneamente política de Florestan'.

---

1 Carlos Aguedo Paiva, *Capitalismo dependente e (contra) revolução burguesa no Brasil: um estudo sobre a obra de Florestan Fernandes*, Dissertação de mestrado, Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, 1991; Eliane Veras Soares, *Floresta" Fernandes: o militante solitário*, SP., Cortez, 1997; Ernesto Renan M. de Freitas Pinto, *A sociologia de Florestan Fernandes*, Tese de doutorado, PUC, SP., 1992; Avelar Cezar Imamura, *Florestan: Fernandes: a sociologia como paixão*. Dissertação de mestrado, Departamento de História, FFLCH, SP., 1995. Aqui mencionadas apenas as produções que se voltam para a interpretação de aspectos mais gerais da sociologia de Florestan e de sua trajetória acadêmica e política, não considerando os trabalhos que se **centram** em temas específicos.

É lamentável que não tenha havido uma interação maior entre esses trabalhos, pois o confronto entre as diferentes interpretações poderia corrigir falhas ou lacunas existentes em qualquer labor científico. Sylvania Garcia não aproveita as importantes sugestões contidas nas pesquisas realizadas por Renan de Freitas e Eliane Veras, não citados em seu livro, cujos pontos de vista poderiam servir para relativizar e matizar algumas de suas formulações. O primeiro, pela forma séria e competente com que lidou com a gênese e estruturação do aspecto teórico da sociologia de Florestan Fernandes, a segunda pela crítica consistentemente fundamentada na reconstrução da história de vida deste eminente sociólogo que faz à tese da *ruptura epistemológica*, proposta por Barbara Freitag, da qual parece partir Sylvania Garcia, na delimitação de sua problemática e de seu objeto de estudo. Segundo essa tese, a produção de Florestan Fernandes pode ser dividida em duas fases limitadas pelo marco temporal de referência dado pelo seu afastamento compulsório da USP, instituição a qual servira durante quase 30 anos, por determinação do AI-5 em 1968. uma primeira fase acadêmico-reformista, cuja tônica encontra-se no papel intelectual do cientista social, procurando implementar reformas que possibilitem mudanças construtivas no meio ambiente social brasileiro, e uma segunda fase político-revolucionária, na qual o foco da mudança se deslocaria da universidade para a sociedade, localizando-se agora na atuação revolucionária das classes e dos agentes sociais subalternos.

Sylvania Garcia não se inclina a aceitar integralmente a tese defendida por Barbara Freitag, mas reconhece que as características que definiriam a primeira fase são partes constitutivas da concepção de sociologia científica em Florestan Fernandes, identificada "à ortodoxia cientificista, à institucionalização acadêmica da sociologia e ao reformismo alinhado às concepções sociais e políticas do pensamento liberal" (p. 10), situando essa concepção no cerne dos dilemas e tensões que circunscrevem a emergência da modernidade brasileira numa metrópole em construção como São Paulo. De fato, o ponto mais passível de questionamentos na interpretação de Sylvania Garcia concentra-se nessa forte identificação da sociologia de Florestan a uma postura cientificista, com suporte na ética liberal da ciência, que aquele bastante criticou já nos ensaios concebidos na década de 50 sobre a "sociologia aplicada". Antes, porém, de passar à apreciação global do livro em suas contribuições positivas à compreensão da sociologia de Florestan e seus aspectos negativos e criticáveis, é necessário expor os propósitos da autora, o modo como tenta alcançá-los por intermédio de seu esquema interpretativo e a própria delimitação de seu campo de indagações.

Sylvania Garcia interessou-se, fundamentalmente, pelo que chamou de "período de formação", circunscrevendo a história de vida de Florestan aos anos de 1920 e 1930, décadas em que o menino pobre, "o engraxate que se tornou sociólogo", defronta-se com os primeiros desafios em sua sobrevivência numa cidade que se

urbanizava e industrializava em ritmo acelerado, lendo que deixar a escola primária para ganhar a vida como um adulto já aos nove anos, e posteriormente tentar retomar, na juventude, os estudos e lutar contra os obstáculos e barreiras sociais para superar sua condição subalterna, até o ano de sua defesa da tese de livre-docência, 1953, em que se alça à sua maturidade profissional, ascendendo de modo definitivo na hierarquia acadêmica, e sua maturidade intelectual, realizando um trabalho de reflexão teórica rigorosa na sociologia. Esse é o âmbito temporal em que se situa a autora para explicar a adesão de Florestan Fernandes a uma concepção que se pauta no racionalismo de tipo indutivista, na especialização da prática científica, no empenho de institucionalizar e conferir completa autonomia à sociologia e na tentativa, a partir das explicações teóricas fornecidas pelos cientistas sociais, de intervir racionalmente na vida social brasileira e na solução de seus dilemas e inconsistências estruturais.

O pano de fundo da reconstrução dessa história de vida é fornecido, entretanto, pelas tensões, definidoras da modernidade no Brasil, entre os padrões tradicionais e arcaicos, conservadores, de privilegiamento social das elites e os ideais liberal-democráticos de ascensão pelo talento e competência do indivíduo e por suas qualificações técnicas e profissionais que culminam, de um lado, nos experimentos universitários do decênio de 30 com as fundações da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP e da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), de outro, na incipiente institucionalização das vias impessoais de mobilidade social agora abertas às camadas médias, aos filhos de imigrantes abastados, que não possuem nome de família, da população brasileira. Serão as ambigüidades da assimilação dos ideais liberal-democráticos pelas elites e sua mescla com o paternalismo dominante entre as camadas altas que, segundo Sylvia Garcia, irão contribuir para a ascensão na escala social por Florestan, com o apoio de alguns seus protetores, e resultar na sua transformação em sociólogo e docente universitário.

Certamente, esses são apenas os fatores objetivos que explicam a ascensão social de Florestan, sendo também decisivos a formidável inteligência, capacidade de leitura e talento pessoal do sociólogo paulista, que constituíram a causa de sua admiração pelos mestres estrangeiros e professores nativos que formavam os quadros da FFCL e da ELSP. Contudo, como procura argumentar Sylvia Garcia, em decorrência da influência positiva dos valores sociais modernos na sua escalada social, Florestan passa a aderir aos ideais construtivos da ordem social competitiva, característicos da utopia liberal, identificados na autonomia e liberdade de pensamento, especialmente na esfera científica, em relação aos níveis da política e da economia e na racionalização da ordem social contra os irracionalismos dos padrões tradicionais e mandonistas de comportamento. Tal adesão, por sua vez, irá interferir na sua concepção de ciência sociológica, sustentada no racionalismo

e na crença da eficiência prática de um campo científico especializado, daí o extremo empenho em definir a especificidade da sociologia no conjunto dos saberes sobre o homem e a sociedade.

Sylvia Garcia ainda chama a atenção para a singularidade de Florestan Fernandes para as inconsistências das vias institucionalizadas de ascensão social tal como se apresentavam naquela época e local, a **cidade** de São Paulo dos anos 30 e 40, jamais permitindo uma classificação coletiva dos estratos sociais subalternos (como ainda hoje), o que, aliás, explica o próprio título do livro. "Na verdade, para um milhão de pessoas que serviram de azeite para que esta máquina funcionasse há um que realiza um destino ímpar. Na minha família ninguém realizou um destino ímpar, se alguém realizou esse destino ímpar fui eu" (entrevista com Florestan citada pela autora à pág. 25). O sociólogo paulista tomou-se, desse modo, uma exceção que confirma a regra e essa situação, como se pode pensar a partir da leitura de todo o livro, também irá influir decisivamente na sociologia de Florestan, em seu forte empenho de fazer da produção intelectual especializada, mantendo-se fiel à sua camada social de origem, um instrumento de mudança social construtiva e de solução dos problemas da imensa coletividade de deserdados e despossuídos, a serviço da emancipação humana.

Para fundamentar teoricamente suas interpretações, Sylvia Garcia recorreu à conceitualização de "intelectual moderno", formulada por Pierre Bourdieu, para caracterizar o perfil da atuação de Florestan como sociólogo e suas concepções da relação entre teoria e prática na sociologia. "Segundo Bourdieu, os intelectuais são seres bi-dimensionais; por um lado, produtores culturais, por outro, líderes morais e políticos. Para ser **um** intelectual, portanto, é preciso preencher uma dupla condição: primeira, pertencer a um campo autônomo e seguir suas leis; e segunda, atuar na política externa com base na autoridade adquirida no campo específico" (p. 14). É a autonomia do intelectual em seu campo específico de atuação que irá, desse modo, ditar as suas relações com a prática e essa postura sempre estará presente em Florestan. segundo a autora, negando que tenha havido **uma** ruptura radical na trajetória deste, indicando **uma** certa discordância com a tese mencionada de Barbara Freitag, nos termos simplificados em que foi aqui exposta: "o socialista que fala nos anos 80 e 90 não é exatamente um 'segundo Florestan', radicalmente diverso do 'primeiro Florestan', mas um intelectual que, apesar das diferentes fases por que passou, mantém-se duplamente vinculado - intelectual e eticamente - à concepção racionalista da ciência pela qual e com a qual se orientou nos anos 40 e 50, na luta aguerrida pela defesa da autonomia da ciência" (p. 124). Sylvia Garcia, portanto, assume a posição de que Florestan em toda sua trajetória cultivou um paradigma cientificista na sociologia e uma visão racionalista de ciência.

Seria impossível, dado o limite de páginas, detalhar outras questões contidas

num livro tão rico de sugestões e multifacetado, sendo forçoso restringir os comentários a alguns aspectos pontuais do texto considerados importantes pelo autor da presente resenha. O primeiro diz respeito à perspectiva sociológica da autora, que estrutura toda sua exposição, formulada em termos das "representações individuais" de Florestan Fernandes contida em seus depoimentos, não se pautando, portanto, pela perspectiva clássica de encontrar os motivos subjacentes e ocultos da conduta do indivíduo, ultrapassando o terreno das aparências (p. 105). Outros aspectos são concernentes a críticas que podem ser feitas à autora em relação à excessiva ênfase atribuída ao "cientificismo" de Florestan Fernandes, embasada numa "posição racionalista que afirma a autonomia da ciência em relação às esferas da ação" (p. 122); ora, para Florestan, a própria ciência constitui também uma das esferas da prática e da ação social, não podendo haver separação dicotômica e estanque entre a ciência e tais esferas. Outra crítica que pode ser feita é quanto à ligação direta entre a ascensão social de Florestan "por meio da ajuda de proterros e amigos oriundos de camadas sociais superiores" e "suas análises sociológicas baseadas na interpretação do caráter positivo e revolucionário das utopias burguesas nos processos dinâmicos de desenvolvimento social e da emancipação humana" (p. 70). A autora identifica uma dessas análises em *A Revolução Burguesa no Brasil*, apesar de se poder encontrar aí uma crítica acerba das inconsistências da assimilação do liberalismo entre a aristocracia senhorial.

Por fim, cumpriria convidar o leitor para examinar, por conta própria, o trabalho de Sylvia Gemignani Garcia que, dentre outros méritos, fornece uma contribuição altamente relevante para compreender a trajetória de Florestan Fernandes em íntima relação com a história da institucionalização das ciências sociais e da sociologia no Brasil, para tirar suas conclusões independentemente da visão ou das críticas feitas pelo autor destes comentários.